

Historiador julga a mobilização um obstáculo político ao retrocesso

Ao assumir, aos 75 anos, a vice-presidência do recém-fundado Centro Brasil Democrático, o historiador Sérgio Buarque de Hollanda inscreve um compromisso definitivo de toda uma vida atenta e participante no desenrolar das lutas pela democracia. No ocaso da ditadura Vargas, um mês após a realização do congresso da Associação Brasileira dos Escritores, que publicou eloqüente manifesto contra as arbitrariedades, Hollanda assume a presidência da entidade — era uma época de conturbada transição política, e ele seguira os passos trilhados por Manuel Bandeira e Aníbal Machado nos rumos da associação. Duas décadas depois, quando impiedosas listas negras transitavam sem freios pelas salas da Universidade de São Paulo, cassando e aposentando compulsoriamente os mestres que não compartilhavam da ideologia vigente, Hollanda lavra um comovente protesto — solicitando aposentadoria voluntária e justificando com essa atitude a solidariedade para com os companheiros.

Mann e Einstein. Em sua bucólica casa do Pacaembu, São Paulo, o historiador rememorou, em entrevista a MANCHETE, diversos episódios da vida política brasileira, em que esteve de alguma forma presente, seja como agente, seja como observador interessado. “Antes mesmo do Congresso dos Escritores”, disse o historiador, “os mineiros publicaram o célebre manifesto, mas o governo sentia-se ainda forte.” O encontro, realizado em São Paulo no mês de janeiro (1945) atraiu escritores de vários estados, que demoraram dias para chegar, devido às dificuldades de transporte existentes na época. Do exterior, figuras de porte, como Thomas Mann e Albert Einstein, enviavam saudações aos intelectuais brasileiros. Havia um lema: se os brasileiros lutavam contra o fascismo no estrangeiro, por que não lutar também no país? Ainda que tentasse, o governo não pôde impedir que o congresso chegasse ao final, coroado, com a publicação no *Diário de São Paulo*, de um manifesto pelas liberdades políticas, driblando assim a férrea censura estatal. Hollanda acredita ter sido o congresso a mais contundente manifestação oposicionista da época, a qual viera puxar



MANCHETE

Hollanda continua com o velho ânimo, mesmo aos 75 anos.

o cordão das vozes que a ditadura fizera silenciar.

Eleições ou cabala? Sérgio Buarque de Hollanda permite que se compare a situação do pós-guerra com o período atual — “até certo ponto”. Mas é ele quem chama a atenção para a semelhança da conjuntura internacional — a política de direitos humanos do Presidente Carter, os cuidados em manter intocável a imagem do regime na Europa etc. “Tivemos poucos períodos francamente autoritários. A Independência, por exemplo, passou-se num regime de aparência democrática. Votavam os que dispu-

nham de renda acima de cem mil réis, que era relativamente pouca, tratando-se de um meio para auferir a independência eventual do votante. Não votavam indigentes e escravos.” Hollanda nota: “Atualmente, nem podemos falar em eleições indiretas; vigoram eleições de cabala, onde às vezes é um só homem que escolhe.” Em seguida, o historiador aponta para outra distorção, a reboque da Lei Saraiva, de 1880: devido às exigências da nova lei — entre outras coisas, para votar era preciso auferir renda elevada e provar o rendimento — menos de 1/5 da população tinha o privilégio de depo-

sitar sua cédula nas urnas. Holanda chama a atenção para esses disparates e conclui: “Naquela época, isso era um defeito do sistema. Todo mundo sabia que estava errado. Mas, e hoje? O que era a antilei passa a ser a lei. Em toda a história brasileira houve abusos. Hoje, querem fazer do abuso um uso.”

A democracia. As origens do autoritarismo no Brasil repousam, segundo diz, no militarismo. Em épocas passadas, os militares eram figuras ativas da política, e filiavam-se a partidos, no Senado e nas Câmaras. Osório era liberal, Deodoro conservador, Pelotas liberal, e assim por diante. Havia necessidade de participação política, mesmo porque era uma das formas de ascender na carreira militar. “Por exemplo, no Império havia pouca ocasião de haver essa afirmação do poder militar. Não que todos os militares pensem assim, mas atualmente chegam a formar um bloco que sugere a existência de um terceiro partido. Muitos afirmam que nunca houve democracia no Brasil. Na verdade, nunca houve democracia ideal. Até na Suíça existem abusos aos direitos do cidadão, se bem em menor escala. Mas não é possível que o abuso passe a vigorar como lei. Ora, é preciso que exista pelo menos um paradigma, como um ideal democrático a ser atingido, para orientar a opinião do governo.”

Por que o Centro. É por tudo isso que se justifica, segundo o historiador, a existência do Centro Brasil Democrático, entidade que vai em direção ao povo, criando um ambiente intelectual que dificulte as perseguições políticas e os abusos à integridade física do cidadão. Holanda também acha que, apesar da repressão contra a mobilização popular, através do voto, a situação política está sofrendo sensíveis modificações: “A tal ponto que eu não acredito que o governo tivesse condições de, hoje, reeditar um novo pacote de abril, responsável por críticas até de quem apóia o governo. Costumo fazer uma comparação com outro abril, de 1831, quando as Forças Armadas se juntaram ao povo para expulsar o monarca. Será que muitos abris depois, o monarca conseguirá expulsar o povo?” (Nelson Blecher/São Paulo).